

Unificar efetivos e terceirizados para lutar contra as privatizações de Tarcísio e os ataques de Lula de forma independente dos governos e da reitoria.

Conjuntura Nacional

O governo Lula-Alckmin vive seu pior momento no terceiro mandato, com forte queda na popularidade. Surgem os primeiros sinais de fim de ciclo dos governos do PT. Após dois anos, a frente ampla mantém intactos os ataques de Temer e Bolsonaro, como as reformas trabalhista e da previdência, e impõe novos, alinhados aos lucros dos patrões, como o Arcabouço Fiscal, a Reforma Tributária, cortes no BPC e a Lei Orgânica das Polícias. Também reprimiu lutas, como as greves dos técnicos administrativos das federais e dos trabalhadores do ICMBio e Ibama. Insistindo em aprovar a exploração de petróleo na foz do Amazonas, apesar das críticas de ambientalistas.

Bolsonaro segue como a principal figura de oposição, mesmo diante da ofensiva judicial contra ele. O bolsonarismo e seu legado deve ser não só responsabilizado, mas derrotado. Isso só pode acontecer com a luta da classe trabalhadora e dos movimentos sociais organizados, sem nenhuma confiança no judiciário, que é racista e foi parte do golpe institucional de 2016, protegendo sempre os interesses da burguesia.

Tarcísio, parte dos distintos tons da extrema direita, segue com ataques no estado de São Paulo, como as privatizações do Metrô, CPTM e Sabesp, o leilão de 33 escolas públicas, demissão de milhares de professores da categoria O e ameaça reduzir o orçamento das universidades. É responsável direto pelo aumento da violência policial e pelas chacinas que tiram a vida da juventude negra.

Vimos diversas lutas, com destaque para educação, como dos professores e indígenas, contra o governador do Pará, Helder Barbalho (MDB), base de Lula. Também a luta pela redução da jornada de trabalho, expressa na greve dos terceirizados da educação em BH contra a escala 6x1 e na Unicamp, a greve dos trabalhadores da Onet contra a precarização e essa jornada exploratória. Dentro desse governo que ataca a população, está o PSOL, na Unicamp representado por Travessia e TLS, que avança para se firmar como partido da ordem, tendo um setor votado pelo corte no BPC, junto com o PL, em nome do Arcabouço Fiscal. Para presidência da ALERJ todos do PSOL votaram no bolsonarista Rodrigo Bacellar.

A favor do governo e dos patrões está a paralisia das grandes centrais sindicais, como CUT e CTB, na direção do STU com Avante e Alerta, além das patronais como UGT e Força Sindical. Elas submetem a classe trabalhadora aos interesses dos patrões e do governo, mantendo a fragmentação das lutas. Diante disso, defendemos a frente única operária, ou seja, a unidade da classe na luta, exigindo das centrais que organizem na base, com espaços de auto-organização, um plano de ação para barrar os ataques e revogar o legado do golpe institucional.

Defendemos construir uma forte oposição de esquerda ao governo Lula para enfrentar os ataques e a extrema direita, unindo todos que defendem a independência de classe.

-Lutar contra as privatizações de Tarcísio na Sabesp, Metrô e CPTM no estado de São Paulo.

-Pela independência de classe do nosso sindicato em relação ao Estado capitalista e suas instituições como o Judiciário, Congresso, governos, patrões e reitorias, para construir um sindicato classista, democrático e combativo;

-Unificar as lutas para revogar os ataques à classe trabalhadora, como as reformas de Temer e Bolsonaro, e os de Lula-Alckmin. Apostamos na construção de uma verdadeira oposição de esquerda ao governo para enfrentar a extrema direita;

-Pela unidade da classe trabalhadora contra a precarização.

-Fim do Plano Safra ao agronegócio, em defesa dos povos indígenas e do meio ambiente;

Conjuntura Internacional

Diante da crise capitalista e suas consequências é necessária uma luta com independência de classe para que sejam os capitalistas que paguem pela crise.

A crise de 2008, a guerra na Ucrânia e o massacre genocida do povo palestino reafirmam a época de crises, guerras e revoluções, evidenciando o caráter destrutivo do capitalismo. A eleição de Trump para conter a decadência do imperialismo dos EUA e o avanço da extrema direita global, como Milei, acentuam essa situação. Se mostra o fracasso das estratégias reformistas e de conciliação de classes, sendo utópico apostar em saídas multilaterais apoiadas em potências como China e Rússia, pois pressupõem uma coexistência pacífica entre potências rivais no capitalismo. Diante disso, é essencial enfrentar o imperialismo, seu militarismo e suas políticas de dominação com a luta independente da nossa classe.

Reafirmamos que a luta dos trabalhadores é internacional, e a classe trabalhadora brasileira deve se unir à luta contra a exploração capitalista mundial. Que a crise seja paga pelos capitalistas, por uma sociedade sem classes, exploração ou opressão. Por um governo dos trabalhadores de ruptura com o capitalismo rumo ao comunismo.

-Abaixo o genocídio na Palestina perpetrado pelo estado sionista e colonialista de Israel. Por uma Palestina livre, operária e socialista!

-Abaixo o rearmamento imperialista e a ofensiva da OTAN no Leste Europeu. Reafirmamos uma posição de independência de classe no contexto da invasão na Ucrânia. Pela imediata retirada das tropas russas da Ucrânia. Por uma Ucrânia operária e socialista na perspectiva dos Estados Unidos dos Socialistas da Europa;

-Contra as deportações de imigrantes e pela unidade da classe trabalhadora internacional. Por um mundo sem fronteiras!

Universidade/Educação

Combater o desmonte e a privatização da Educação. Lutar com os estudantes por uma universidade à serviço dos trabalhadores e da população pobre!

Na Unicamp, a reitoria aplica os ataques de Tarcísio e do governo federal, entregando a universidade à iniciativa privada. Com os convênios com empresas e universidades sionistas de Israel, e o avanço da terceirização nos almoxarifados, laboratórios e na eliminação de cargos de nível fundamental para terceirizar.

O ponto eletrônico reforça essa política, criando um banco de horas com o qual será possível a cobrança de reposição de emenda de feriados e recessos, como ocorre na USP, onde os servidores começam o ano devendo horas, ampliando a jornada e reduzindo contratações. Enquanto precariza o trabalho, a reitoria segue negando o processo de isonomia salarial com a USP (nível médio e superior), mantendo-a somente para docentes e o quase extinto nível fundamental.

-Contra os cortes à Educação, o Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação e pela revogação do Arcabouço Fiscal e o Novo Ensino Médio;

-Defesa das cotas étnico-raciais, trans e para PCD's, rumo ao fim do vestibular. Ampliação de vagas e contratação de professores e trabalhadores em todas as universidades. Estatização das universidades particulares, sem indenização aos empresários da educação;

-Bolsas auxílio para todos os estudantes que precisam, sem contrapartida de trabalho;

-Revogação do ponto eletrônico. Fim da escala 6x1 e redução da jornada de trabalho para 30hrs, sem redução salarial;

-Igualdade salarial e de direitos para todos os trabalhadores terceirizados! Cecom e fretado para todos;

-Por uma Estatuinte Livre e Soberana que redefina democraticamente a estrutura da Universidade, dissolvendo o Consu e substituindo-o por um organismo verdadeiramente democrático, composto por trabalhadores, estudantes e professores, com representação proporcional ao peso de cada categoria;

Estrutura Sindical

Pela mais ampla democracia operária e independência dos sindicatos, para serem ferramentas da luta revolucionária da nossa classe.

-Que os sindicatos organizem todos os trabalhadores, defendendo não apenas os interesses de sua categoria, mas de todos os setores explorados e oprimidos.

-Aprofundar a democracia de base com a eleição do conselho de representantes sindicais.

-Avançar no debate sobre a democracia da entidade e a proporcionalidade, buscando a melhor forma de expressar democraticamente as diferentes concepções da categoria.

-Filiação à CSP-Conlutas por se manter como a única central sindical independente dos governos.

Alterações Estatuto

Em defesa do classismo e da democracia operária, retomar um sindicato combativo com independência de classe, que unifique trabalhadores efetivos e terceirizados.

-Efetivação de todos os terceirizados da Unicamp sem necessidade de concurso público!

-A assembleia geral é de todos os servidores e trabalhadores da Unicamp, efetivos e terceirizados, com condição de voz e voto.

-Nos momentos de luta, o comando de greve será formado por delegados eleitos proporcionalmente na base e revogáveis, com plenos poderes para decidir os rumos da luta. A diretoria do sindicato se dissolve e se submete à eleição na base dos institutos, não fazendo parte do comando de greve desde o início.

-Rotatividade dos dirigentes sindicais liberados, que ficam afastados por muito tempo da base. Cada diretor poderá ser liberado por, no máximo, meio mandato, sendo substituído por outra pessoa da mesma chapa.

Plano de Lutas

-Exigimos que as centrais sindicais rompam a paralisia e organizem um plano de lutas, construído na base, que leve a uma greve geral para revogar as reformas, o Arcabouço Fiscal, privatizações e todos os ataques.

-Lutar pela recuperação das perdas salariais, isonomia com a USP e igualdade entre efetivos e terceirizados.

Eleição Conselho Fiscal

A eleição do conselho fiscal deverá ocorrer nos congressos da categoria, composto por 5 membros associados, sem tempo mínimo de filiação. As contas deverão ser apresentadas trimestralmente, submetidas e aprovadas em assembleia.

Políticas permanentes e combate às opressões: racial, mulheres, LGBT, aposentados, refugiados, indígenas

Unificar trabalhadores e setores oprimidos, para lutar contra a exploração e opressão.

-Criação da secretaria de combates as opressões, composta por representantes das coordenações de mulheres, negros e negras e LGBT's e representantes da base eleitos em assembleia.

-Igualdade de direitos para todos os trabalhadores aposentados!